



Incômodos acomodados em cômodos

Mirila Greicy Bittencourt Cunha¹

Resumo: A escrita que se segue são memórias e ideias de dentro do movimento de se adentrar. Promoção do isolamento social a refletir sobre questões de gênero e colonização enraizadas, acomodadas aos nossos dias a causar incômodos e violências nos cômodos das casas.

Palavras-Chave: Isolamento social. Gênero. Colonização.

Nuisances accommodated in rooms

Abstract: The writing that follows are memories and ideas from within the movement to enter. Promotion of social isolation to reflect on rooted gender and colonization issues, accommodated to our days causing discomfort and violence in the rooms of the houses.

Keywords: Social Isolation. Genre. Colonization

Abram os cadernos, a aula já vai começar. Vou lhes ensinar a transformar vidas!

Mary Cavalcanti Ramos de Almeida (1964, São Caetano/PE – 2020, Caruaru/PE), 55 anos, vítima do novo coronavírus. In: inumeraveis.com.br

Ensaio. O próprio nome já deve revelar uma leitura outra, sem peso, pressão ou cobrança, como de fato deveria ser todo o conjunto acadêmico que por vezes se transforma em mais um modo colonial, corrompido e então reproduzidor de muito do que questiona. Aproveitando o momento atípico atual à revisão e ao repensar nas formas, nos modos e rumos “que queremos”, invisto num texto de leitura acessível. Como é o meu desejo para um verdadeiro diálogo e troca entre instituições escolares e sociedade. Da universidade com a comunidade. Esta, por não saber o que de fato se passa dentro “dos muros”, nas salas, corredores, laboratórios, bibliotecas, nos Polos, nos centros, nos grupos, nas cidades universitária, afasta-se, e assim, não apoia. A luta dos discentes, docentes, da educação, é enfraquecida, desamparada. Quem sabe a necessidade desenfreada por pesquisas para o atual foco COVID-19, não reabre outra possibilidade para o estreitamento desse laço tão importante e

¹ Doutoranda Ciências Sociais UFES/ES. Brasil. ORCID. <https://orcid.org/0000-0003-3274-0516>
E-mail mirila.greicy@gmail.com. Sou grata pelas considerações de pareceristas, editora e demais envolvidos que contribuem para meu aprimoramento. À ocasião da escrita do texto o espanto eram 46.679 mortes, hoje (27 de ago. 2020) são 117.665.



poderoso? Assim, parafraseando a fala de Ailton Krenak em entrevista (2020), o texto são memórias e ideias. Memória dos aproximados dez anos de estudo no ensino superior público e gratuito (graduação mais pós-graduação), como autorização a narrar uma história sobre o mundo que vivo, a partir do que aprendi junto às Ciências Sociais e Humanas na academia. E ideias, como possibilidades de produção de memórias.

Luto, para ele, era verbo.

Marcos Raimundo Silva Menezes (1962-2020, Manaus/AM)
58 anos, vítima do novo coronavírus. *In:* inumeraveis.com.br

Mesmo após o resultado, Donald John Trump à presidência dos Estados Unidos, eu segui confiando até o final das apurações dos votos do segundo turno, ainda hoje não acreditando que o presidente “do meu país” é Jair Bolsonaro. Incômodo contatado em efeito avalanche a cada novo dia através de notícias em que se é possível confundir quando são “fatos”, ou quando são as *Fake News*. E por que essa é a primeira memória ao se tratar da nossa atualidade? Porque hoje, no Brasil, dia 18 de junho de 2020, os dados estatísticos, conforme apresentação do consórcio G1, O Globo, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL,

atualizados às 8h desta quinta-feira (18) [são]:

- 46.679 mortes

- 960.640 casos confirmados

[...] Pelo 2º dia consecutivo, o país teve mais de 1,2 mil mortes registradas no período de um dia. É a 7ª vez que o número passa desse patamar desde o início da pandemia.

E tal quantitativo de vidas, não meramente números, não alcançaria tamanha proporção se medidas governamentais fossem outras.

Há mais de três meses em isolamento social, a “bagunça” nas casas parece ser permanente. Muitas atividades foram interrompidas, adiadas. Novas demandas chegaram. Outras muitas situações se transformaram. Casas, colocada no plural, pois, para além da casa física, estrutura em comum como o habitar junto aos familiares, há a junção de cinco diferentes “casas” particulares, como é o meu caso, em minha família. A palavra segue em aspas para a representação dos cinco seres humanos adultos, que retomam a convivência, apartada desde os anos da adolescência dos três filhos, com agora todos passados dos trinta anos de idade. São universos um tanto quanto distanciados, em uma estrutura até então tida como “de passagem”. A visita aos finais de semana à casa dos pais, espaçados conforme a agenda de trabalho permitisse, retorna a ser a nossa casa. Portas abertas assim como os braços e corações de um pai e uma mãe, que diante situação inusitada em seus mais de 70 anos de vida “nunca imaginável”, concorda em ser o melhor “enfrentarmos juntos”.

A medição do tempo passa a ser incômoda. Os cômodos necessitam de serem transformados a cada necessidade. A sala vira a academia na hora do



yoga. Em dias alternados aulas de canto, capoeira, sapateado, todos retomados conforme o resgate dos objetos após “uma geral na casa”. Assim como agora parece estar estampada a sabedoria do viver e de levar a vida, o dia pelo dia. Quantas coisas desnecessárias. Acúmulos acomodados que incomodam cômodos. Retêm ar, espaço, fluxo. O fluxo das compras foi totalmente alterado. As horas não são mais entre prateleiras, mas sim no *site* do único mercado da cidade a fazer entrega. O telefone passou a realizar a função ligar, um tanto quanto abandonada, para os pedidos que não possuem o aplicativo *WhatsApp* a disposição. Nunca se ouviu tanta buzina e gritos na rua de “eentregaaa”.

Após um primeiro momento que foi quase que uma satisfação por um descanso, reunião com os seus, enquanto o estado de choque ainda não permitia uma compreensão e leitura da realidade, quando o acompanhamento dos países europeus nos deixavam em suspensão ao que de fato nos acometeria, uma segunda sensação foi de descrença. O ciclo não oscilou. Os buracos que ainda não saltamos são sobre as mesmas questões desde a nossa origem: violência. E, como consequência, desigualdade. Ambas no plural: violências e desigualdades.

Lembro que um dos meus primeiros pensamentos quando foi decretado o isolamento social foi justamente a sociabilidade. Esta falsa convivência que o cotidiano da sobrevivência não nos permite nos conhecermos (a nós mesmos e quem dirá ao outro). A casa só é o nosso “lar, doce lar”, quando se é apenas para dormir. Após uma jornada de trabalho de dez horas ou mais, tempo em transporte público de quatro horas ou mais, e cinco horas ou mais de televisão. E, quando o “clima começa a esquentar” em casa, temos a alternativa de sair de casa, de dar uma volta “para esfriar a cabeça”.

E agora? Não há mais o sair de casa. Não há tantas horas em locomoção, dentro de transporte. Também como a cabeça tem que ser esfriada em casa. Tudo dentro de casa. Não tarde inicia-se compartilhamentos de mensagens de pais com suas crianças, reconhecendo o ofício dos professores, das creches, das escolas. Provavelmente situação de acúmulo de tarefas que não é novidade para muitas mulheres diante “os já estabelecidos papéis de gênero, onde às mulheres caberia o lugar de ‘cuidadoras’, de ‘donas de casa’, de principais responsáveis pelos domicílios e pelas famílias.” (MATOS, 2020, n.p.). Bem como estar em vulnerabilidade e risco, com consequências no aumento de divórcios, assédios, agressões, mortes, violências contra mulheres por seus conjugues –“conjugue”, na tentativa de uma palavra, ainda que casamento, contrato, união civil ou estável, matrimônio, mesmo que sem reconhecimento governamental, religioso, cultural, social, enfim, pois o significado de companheiro ou parceiro não cabe nessas situações.

Ou seja, o romantismo sobre o lar, a família, o casamento, fica desmascarado assim como a nossa permanente desigualdade sobre as relações de gênero. O lar se mostra um lugar de medo e abuso (COSTA, 2020) e questiono (2019, p. 161): “Seria um lugar, *o seu lugar* [para as mulheres], a



casa?”. ELAS, que morrem em suas próprias casas, por seus conjugues, são as “que estão agora mesmo na linha de frente do combate e do enfrentamento à COVID-19” (MATOS, 2020, n.p.). É a *feminização* da força de trabalho na saúde (MATOS, 2020; PISANE, 2020), semelhante também no Serviço Social e na Educação. Mas essa maioria no número de mulheres não estão nos principais postos de decisão e comando (MATOS, 2020; PISANE, 2020).

Quem cuida de quem cuida? Quem cuida das filhas e dos filhos de quem cuida? Quem cuida da casa de quem cuida?

Analisar o atual cenário é evidenciar nossa origem para quem ainda não (quer?) vê. Somos filhas e filhos da violência. Nascemos de ventres de cor e etnia violadas por “atos de agressão e desprezo” (CONDÉ, 2019, p. 16). Se o novo coronavírus chega ao país pela elite, por aqueles que possuem poder aquisitivo e que estavam em viagens internacionais a retornar ao Brasil, agora o vírus permanece em crescente contaminação no público onde já são concentradas outras violências, pela falta, pela desigualdade: a população negra. Não por acaso o mesmo grupo com menor poder aquisitivo. Negros e pobres.

O que a terça-feira, 17 de março de 2020, tem em comum com a terça-feira, 02 de junho de 2020, para além do dia da semana? A primeira data foi o dia de falecimento da primeira vítima da COVID-19 em nosso país. A segunda foi o dia de falecimento “do menino Miguel”, em aproximados três meses de isolamento social. A primeira vítima fatal do novo coronavírus era uma “trabalhadora doméstica, de 63 anos, que contraiu o vírus de sua empregadora que, apesar de apresentar os sintomas característicos da doença, recusou-se a dispensá-la” (PISANE, 2020, n.p.). Mirtes, mãe de Miguel, o deixou com sua empregadora pois “teve que ir passear com os animais de estimação da patroa”. Mulheres, negras e pobres.

A questão do Brasil segue sendo a colonização. Vinda por todos os lados, nos deixando sem ar, em alusão ao caso George Floyd que traz novo suspiro mundial para aqueles que sabem que o ar nunca foi puro, que a respiração nunca foi fácil. A linha vertical é sobretudo homem branco - mulher negra. Interação, raça, gênero e classe social, apontado pelo conceito *Interseccionalidade* (CRENSHAW, 1991).

A asfixia sobre nossos povos originários, indígenas e negros, fica em evidência e permanece sendo os dados que ainda não paramos para “exorcizar as dores, curar os traumas” (EVARISTO, 2019, p. 7). Mais do que navegar, é preciso atravessar as águas (CONDÉ, 2019). Para os termos em uso *infodemia* e *desinfodemia*, a proporcionar um tom de “guerra” e “fim do mundo” sobre a própria situação já caótica e inédita da pandemia, retomo o já citado Ailton Krenak (2019) que, segundo suas *Ideias para adiar o fim do mundo*, este, é mais um cenário. Os povos originários estão a mais de 500 anos vivendo “fins de mundo”.



Referências bibliográficas

A VULNERABILIDADE atinge especialmente negros e pobres. Campus e comunidade. **UFJF Notícias**, Minas Gerais, 20 mar. 2020. Disponível em:<https://www2.ufjf.br/noticias/2020/03/20/a-vulnerabilidade-atinge-especialmente-negros-e-pobres/>. Acesso em: 16 de jun. 2020.

BEM ESTAR. Coronavírus. Brasil tem 46.679 mortes por coronavírus, mostra consórcio de veículos de imprensa. **Consórcio G1, O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e UOL**, 18 jun. 2020. Disponível em:<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/18/brasil-tem-46679-mortes-por-coronavirus-mostra-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-atualizacao-das-8h.ghtml>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

CARVALHO, Daniel; URIBE, Gustavo. Coronavírus. Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaína, diz Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 mai. 2020. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/bolsonaro-diz-que-novo-protocolo-sobre-cloroquina-sera-assinado-nesta-quarta-feira.shtml>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

CASO George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelho em seu pescoço causa indignação nos EUA. News Brasil. **BBC Brasil**, 27 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52818817>. Acesso em: 16 de jun. 2020.

CASO Miguel: Peritos vão novamente ao edifício onde menino morreu. Investigação. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 08 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/06/caso-miguel-peritos-vaio-novamente-ao-edificio-onde-menino-morreu.html>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba: bruxa negra de Salem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura. Violências contra mulheres em tempos de COVID-19. Boletim Especial **ANPOCS**, n. 10, 2020. Disponível em:<http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2321-boletim-n-10-violencias-contra-mulheres-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. 1991. Disponível em:<https://>



www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contramulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/. Acesso em: 15 de jun. 2020.

CUNHA, Mirila Greicy Bittencourt. Corpo feminino na dança e na rua: considerações sobre pontos de encontro na cidade do Rio de Janeiro. **PIXO**, Rio Grande do Sul, v.3, n.10, p. 160-173, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/16887/10870>. Acesso em: 13 jun. 2020.

INUMERÁVEIS. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MATOS, Marlise. Pandemia COVID-19 e as mulheres. Boletim Especial **ANPOCS**, n. 11, 2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2322-boletim-n-11-pandemia-covid-19-e-as-mulheres>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PISANI, Mariane da Silva. O enfrentamento e a sobrevivência ao Coronavírus também precisa ser uma questão feminista! Boletim Especial **ANPOCS**, n. 11, 2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2323-boletim-n-12-o-enfrentamento-e-a-sobrevivencia-ao-coronavirus-tambem-precisa-ser-uma-questao-feminista>. Acesso em: 13 jun. 2020.

VOZES DA FLORESTA – A aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias. Direção: Thiago B. Mendonça. Produção: Memória Viva. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIh1os4w>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

Como citar este artigo:

CUNHA, Mirila Greicy Bittencourt. Incômodos acomodados em cômodos. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 70-75, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.510>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020